

“ALFAIATES IMPRESCINDÍVEIS”

Maria Izabel da Silva

Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Serviço Social da UFSC

Bernardete Wrublewski Aued, Dra.

Professora do Depto. de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC (Coordenadora)

bernawru@terra.com.br

Resumo

Esse artigo, relativo ao projeto de extensão: “A interação entre a Universidade e o mundo do Trabalho: a memória do trabalho”, analisa a profissão dos “alfaiates” outrora imprescindíveis e hoje em vias de extinção, em Florianópolis, bem como as formas de resistência coletiva ao desemprego.

Palavras-chave: Profissões; alfaiates; desemprego.

Introdução

O presente artigo refere-se ao projeto de pesquisa e extensão que analisa as profissões em extinção, sobre o passado, o presente e as perspectivas futuras, em especial a dos “alfaiates”, profissionais esses que num dado momento histórico do passado eram imprescindíveis na sociedade e hoje encontram-se em vias de desaparecimento, ou seja, estudamos o contexto que constitui essa profissão, sua história e trajetória, cujos fatos evidenciam as transformações ocorridas na alfaiataria nas últimas décadas, a passagem de dois estágios totalmente opostos, onde no primeiro ele era imprescindível, já no segundo entra num inevitável processo de extinção. Os alfaiates eram personagens sociais com grande prestígio e destaque na sociedade, cuja história de vida marcava presença na formação histórica das localidades onde residiam.

No passado eles eram imprescindíveis mestres e realizadores de seu ofício, eram verdadeiros artistas, pois com extrema habilidade manual transformavam tecidos em peças de arte, as quais adaptavam aos mais variados tipos físicos de seus clientes, era um trabalho personalizado específico para cada cliente, um trabalho artesanal, o qual foi substituído pelo trabalho industrial em série, com menor custo, maior rapidez e produção em série e contínua, o que significou um menor preço final de venda, causando uma queda na confecção sob medida. Finalmente, restou então aos alfaiates fazerem as reformas das roupas industrializadas quando necessitavam de adaptações e continuaram atendendo a um

número muito reduzido de clientes, os quais geralmente são antigos clientes que ainda vestem sob medida, dispõem de dinheiro para pagar pela roupa personalizada, ou ainda porque são aquelas pessoas com tipo físico fora dos padrões estabelecidos como “normais”, os quais tem grandes dificuldades em encontrar nas lojas, roupas prontas industrializadas (confeccionadas em série) que lhes sirvam.

Portanto, esse projeto¹ analisa a profissão dos “alfaiates” outrora imprescindíveis e hoje em processo acelerado de extinção, o estudo é contextualizado na cidade de Florianópolis, cujo foco central é a identidade coletiva e as formas de resistência e de socialização desenvolvidas na Associação Beneficente dos Alfaiates de Florianópolis, sua trajetória, identificar quantos associados eram, quem eram, o que faziam, os instrumentos e trabalho utilizados, as festas e reuniões realizadas, a questão de gênero, e finalmente quando, como e o que levou a extinção dessa entidade.

Material e Métodos

A metodologia utilizada foi a entrevista biográfica realizada com profissionais alfaiates aposentados ou que ainda exerçam a profissão, a análise de documentos e registros da Associação Beneficente dos Alfaiates de Florianópolis e a pesquisa bibliográfica realizada na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, mais especificamente em jornais e revistas de 1947/48, expressando a origem social dessa Associação e o contexto histórico do período de sua criação, além da revisão bibliográfica.

Resultados e Análise

A escravidão levou consigo os ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folba-de-flandres. A máscara fazia perder o vício de embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca.[...] Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. (Machado de Assis, 1997:659)

A saga dos alfaiates poderia ser a sua também. Quem não teve um alfaiate na família? O pai, um tio, um primo, muitos deles fizeram da alfaiataria a razão de viver. E

.....

³ "Rtqlgvq" eqqtf gpcf q" r grv" r tqhguuqtc" **Bernardete Wrublewski Aued.** " f qwqtc" go "uqekqmj kc" r qmvlkc." r tqhguuqtc" f q" F gr ctvco gpvq" f g" Rôu/I tcf wcèçq" go "Uqekqmj kc" Rqmvlkc" f c" WHUE " g" eqqtf gpcf qtc" f q" P ûergq" f g" Guwf qu" uqdtg" cu" Vtcpuhqto cèugu" pq" O wpf q" f q" Vtcdcj q" / "VO V." pq" Egpvtq" f g" Hktquqhk" g" Ekí pekcu" J wo cpcu" f c" WHUE O' Vgxg" c" eqmrdqt cèçq" f g" **Maria Izabel da Silva.** "i tcf wcf c" g" o guxtcpf c" go " Ugtxlèq" Uqekcrlt grv" WHUE. "hkdqmkuc" f g" gz vpuçq" f c" WHUE. "f wtcpvg" q" f gupxqrxko gpvq" f guug" r tqlgvq0 "

quantos, um dia, não passaram, como iniciação profissional, pela alfaiataria? “Eu ainda lembro o tempo que aprendi a chulear à mão”, conta-nos um professor universitário, doutor em sociologia, cuja trajetória inicial foi marcada dentro de uma alfaiataria, por aprender a cortar, chulear, fazer a casa e pregar o botão. As mãos habilidosas do alfaiate asseguravam a roupa sob medida. A máquina de pedal, movida sem eletricidade era apêndice de um processo que demandava exímia qualificação.

O tempo social desta lembrança está ficando cada vez mais distante. O aprendiz de alfaiate permaneceu somente quatro meses e, por necessidade precisou ser servente de pedreiro, permanecendo no cargo seis meses. O percurso profissionalizante foi mudado ainda mais algumas vezes: foi varredor, auxiliar de escritório e datilógrafo nas Lojas Riachuelo, onde ficou 2 anos e meio.

Se até esse momento a trajetória profissional ocorria dentro da relação mestre-aprendiz a partir de certo momento o futuro professor universitário envereda para uma profissionalização diferente e por meio do sistema escolar. Forma-se técnico em contabilidade. A seguir, vai trabalhar numa transportadora, como técnico e permanece nesse emprego durante 4 anos.

Insatisfeito, muda de cidade e mais uma vez de emprego. Filho de músico e iniciado em violão inscreve-se na carreira de professor de violão. Muda ainda mais uma vez a sua rota profissional. Entra para o serviço público, primeiramente como técnico e depois como professor universitário, ambos por concurso público. Muda, portanto, de profissão e de espaço. Em cada mudança muitas adaptações, rearranjos e inovações. No curso das mudanças perdem-se também lembranças. O aprendiz distanciou-se do mestre de ofício e empreendeu a sua profissionalização por meio do alongamento da escolarização.

O tempo dos alfaiates imprescindíveis

O ofício do alfaiate, ofício do tempo que se entrelaça com muitos outros de “mãos hábeis” como os chapeleiros, os sapateiros, os guarda-chuveiros, os ferreiros, os vidreiros e os pescadores artesanais não pode continuar existindo. A lista de ofícios ameaçados ainda poderia ser alongada ao infinito. Entretanto se eles estão duramente ameaçados ou em vias de desaparecimento num tempo não muito remoto eles eram imprescindíveis.

No tempo do alfaiate, não havia vila que não tivesse um atelier de costura ou simplesmente uma alfaiataria que costurasse roupas sob medida.

Em Florianópolis é difícil precisar quando esse tempo começa, mas seguramente sabemos que eles atualmente são cada vez mais raros, que uma relevante transição começa a se manifestar quando entra em curso a roupa *prêt à porter*, ou seja, quando a indústria se expande na região. Antes disso ele era imprescindível.

Prêt à porter é a designação francesa de roupa pronta para uso. Em inglês é *ready-to-wear*. Em termos gerais denota roupa produzida em série e em tamanhos predefinidos. Alguns autores a designam de roupa quadrada feita em três modalidades, P M e G que se adapta a qualquer corpo. A roupa *prêt à porter* expandiu-se no período entre as duas guerras mundiais porém esse modo de produzir roupas somente expandiu-se no final da década de sessenta. Logo após a crise de 1929 os EUA exigiram o pagamento de um imposto de 90% sobre as roupas importadas da França. Além disso, “as americanas adoravam trazer de Paris seus vestidos de Elsa Schiaparelli, Madeleine Vionnet, Coco Chanel ou Jean Patou” (PALOMINO: 2002: 26) ²

A produção industrial desenvolveu-se. Com ela também aumentaram os mecanismos para o pagamento à prestação que viabilizou a aquisição dos produtos industriais que não eram acessíveis à grande massa de trabalhadores assalariados.

Tudo anda tão acelerado que é como se tivesse sido sempre assim: vai ao shopping, horas antes de uma festividade e compra uma roupa nova. Mal consegue lembrar de como o mundo era diferente e o que nos faz pensar: então houve um tempo que não era assim?

Hoje estamos habituados a comprar roupas prontas. Mas nem sempre foi assim. A roupa vinha de fora e, na maioria das vezes era confeccionada além-mar. Viajantes e mascates eram esperados como ninguém.

Na verdade um atelier de costura, masculino ou feminino, era muito mais do que um local de confecção de roupas, pois à arte de costurar quase sempre se mesclou muito bem com as formas de socialização da população: o alfaiate ou a costureira sabia qual era o próximo casamento; sabia a origem e a posição social das famílias dos noivos; sabia também os desacertos sociais; quem morreu e quem ia se candidatar. Afinal quase todos, os noivos, os padrinhos, os políticos e até os mortos vestiam ternos feitos sob medida pelos alfaiates. A alfaiataria era um centro. Notícias iam e vinham com os clientes. O atelier era ponto de encontro, um jornal de viva-voz.

.....

4" > Cr ôu" c" f gr tguuçq. "uô" gtc" r gto klf q" lo r qtvt" r ctc" q" r ciu" vgru" g" o qrf guf' Guuc" tguu kçq" rçxqw" cq" f gupxqixko gpvq" f g" wo c" véplec" f g" tgr tqf wèçq" s wg" ug" dcugcuug" pguucu" vgru" g" o qrf guf' RC NQO KP Q." 4224-48-0'

As histórias de costureiras e alfaiates se entrecruzavam com momentos comemorativos e de alegria: de inaugurações monumentais, de saudações a autoridades e lideranças. Lá estavam os ternos, os vestidos, os chapéus e, para completar, o guarda-chuva. Mesmo que aparentemente ausentes, os profissionais fazem parte destes acontecimentos.

Sem demérito algum às costureiras esse artigo focalizará apenas aspectos da roupa masculina e os alfaiates. Segundo Hollander, até o final da Idade Média os alfaiates, sempre homens, confeccionavam sob medida as roupas de ambos os sexos. A alfaiataria é considerada uma arte ornamental, sujeita à criatividade do artesão, um ofício sério e de grande prestígio social, comparado à arquitetura. As mulheres costuram as roupas de baixo, roupas domésticas e das crianças e estas são feitas em suas próprias casas. As mulheres são empregadas pelos alfaiates, para realizarem trabalhos manuais, como as costuras mais simples e acabamentos que não exigem técnica.

Em 1675, na França, um grupo de costureiras francesas solicita ao Rei Luís XIV permissão para formar uma guilda de alfaiates femininos, para confecção de roupas destinadas às mulheres, com o argumento de que elas se sentiam constrangidas ao provarem suas roupas com os alfaiates masculinos.

Na metade do século XVII, a alfaiataria masculina possuía prestígio entre os ofícios artesanais e prosseguia construindo a roupa masculina de forma criativa, com técnica para o desenho, corte e confecção. A roupa feminina era elaborada a partir de corpetes criados pelos alfaiates masculinos, que serviam de base para a produção da roupa feminina. A mudança na vestimenta masculina dependia de alterações no corte e nas técnicas da construção das peças, enquanto na roupa feminina o que mudava eram os acabamentos e os acessórios decorativos. As mulheres nunca eram alfaiates, dificilmente criavam estilo ou corte com técnica, apenas ajustavam e costuravam tecidos. Dessa divisão entre o trabalho realizado pelos homens e mulheres é que resultou a imagem séria e de prestígio do alfaiate masculino que chega ao século XX e, por outro lado, contribuiu para manter as mulheres afastadas do ofício, exercendo apenas trabalhos aparentemente menos importantes na confecção de roupa masculina, como a costura de calça e colete.

No Brasil, somente nos anos iniciais do século XX, surgem as primeiras oficinas de confecção de roupas, que reúnem capital e trabalho assalariado num mesmo local.

O primeiro alfaiate de Florianópolis, então Desterro, que requer licença na Câmara para abrir “casa de alfaiate” é João José de Oliveira, em 1831, mas antes dele os escravos

possuem a técnica da confecção de roupas sob medida e são eles que confeccionam as roupas usadas pelos senhores e suas famílias. Em 1871, Nicolau Lourenço Cabral tem sua alfaiataria “A tesoura da moda”, na Rua do Senado, e Ângelo Abade Capistrano fica com a freguesia de Nicolau Lourenço Cabral, quando este morre em 1873; em 1879, Guelfo Zaniratti, imigrante italiano, monta em Desterro a alfaiataria denominada “Bom Gosto”, estabelecida no Largo do Palácio.

Aliás, em Florianópolis, durante a década de trinta havia diversas alfaiatarias instaladas, nas ruas principais da cidade, como por exemplo:

- Rua João Pinto: Osvaldo Carione, Jorge Gonzaga, Florisbelo Silva, Antônio Areias e Oscar Bonassis;
- Rua Conselheiro Mafra: Armando H. da Silva e Francisco Coutinho Azevedo;
- Rua Felipe Schmidt: Francisco de Almeida Machado;
- Rua Tiradentes: João Agostinho Brognoli.

Ao lado do espaço de confecção das alfaiatarias, as tinturarias, as lojas de fazendas e armarinhos, os armazéns e as sapatarias complementavam o cenário da roupa sob medida. Durante as duas décadas subseqüentes há pelo menos uma alfaiataria em cada rua como vemos no quadro 1.

As alfaiatarias dividem o espaço das ruas mais movimentadas com mercados de fazendas, de armarinhos, sapatarias, tipografias, emprestador de dinheiro, consertador de relógios, padaria, cinema, fábrica de camisas, entre outros.

Uma transição relevante evidencia-se na década de sessenta (quadro 2) quando diminui sensivelmente a representação das alfaiatarias nas ruas mencionadas e começam surgir pontos de vendas de confecções, eletro domésticos, armarinhos e conserto de máquinas.

Quadro 1: Alfaiatarias nas principais ruas de Florianópolis entre 1945-1955

Ano	Rua	Alfaiatarias
1945	João Pinto	Florisbelo Silva e A. J. Pereira.
	Conselheiro Mafra	João Batista Gonçalves, Licerio Camargo, Pedro Manzoni Filho e Carlos Gonzaga.
	Felipe Schmidt	João Benigno Correia.
	Tiradentes	João Agostinho Brognoli.
1955	João Pinto	Florisbelo Silva.
	Conselheiro Mafra	Pedro Manzoni Filho e João Batista Gonçalves.
	Felipe Schmidt	Acácio Nicácio Raupp e Galdino José Lenzi*.
	Tiradentes	Valdemar Fornerolli* e Armando José Brito*.

*Além da Alfaiataria e estes possuíam comércio de fazendas.

Fonte: De acordo com o Cadastro geral da prefeitura de Florianópolis. In: AUED, W. *Histórias de profissões em Santa Catarina*. Florianópolis: Palotti, 1999. p. 54-55.

Quadro 2:Alfaiatarias nas principais ruas de Florianópolis em 1965

Ano	Rua	Alfaiatarias
1965	João Pinto	Florisbello Silva
	Conselheiro Mafra	
	Felipe Schmidt	Galdino José Lenzi*.
	Tiradentes	Oswaldo Carioni e Armando José Brito*.

*Além da Alfaiataria e estes possuíam comércio de fazendas.

Fonte: De acordo com o Cadastro geral da prefeitura de Florianópolis. In: AUED, W. *Histórias de profissões em Santa Catarina*. Florianópolis: Palotti, 1999. p. 54-55.

Nas décadas subseqüentes os alfaiates são cada vez mais raros e não se estabelecem mais nas ruas centrais. Nas quatro ruas pesquisadas não foi localizado qualquer estabelecimento de alfaiataria.

Associação Beneficente dos Alfaiates de Florianópolis

Na trajetória dos alfaiates em Florianópolis localizamos evidências de construção da identidade social e coletiva desde a década de quarenta do século XX. Segundo o livro de Atas e o de presenças nas reuniões da Diretoria Executiva e das Assembléias Gerais realizadas pela Associação Beneficente dos Alfaiates de Florianópolis, a mesma foi fundada em 10 de maio de 1948, por iniciativa do alfaiate Waldemar de Melo Dias, Euclides Silva, Heitor Mello, Juvenal Lamego, Pedro Manzolli e Carlos de Souza.

Em uma das primeiras assembléias, ocorrida em 29 de agosto de 1948, consta do livro de presença a assinatura de trinta e quatro alfaiates, como por exemplo: Adolfo Brognoli, Waldemar de Melo Dias, Euclides Vieira, Avany Vieira, Avelino Nascimento, José da Silva, Nilton José Lacerda, Mário Martins, Roberto Fernandes, Abelardo Manzolli, Acácio Nicácio Raupp, Antenor Conceição, Pedro Manzolli, Juvenal Lamego, Aldo Areas, Orlando Gonçalves da Silva, José Silva, Wilmar Costa, Carlos V. de Souza, Américo S. Ouriques, Redusino Bregeron, João Jorge, Sidney Lima, Ernani Câmara Silva. Em outra assembléia, realizada em 10 de maio de 1949, na sede da Liga Operária Beneficente de Florianópolis, consta assinatura de sessenta profissionais de alfaiataria. Em 13 de junho de 1949, numa sessão da diretoria da Associação, constam os nomes de Waldemar Melo Dias, presidente, Pedro Manzolli, vice-presidente, João Gomes de Melo, primeiro secretário,

Heleodoro Ventura, segundo secretário, Heitor Mello, tesoureiro, Juvenal Lamego, segundo tesoureiro e três relatores.

A Associação, de acordo como o Estatuto era um órgão representativo da classe, cujas reuniões ocorriam esporadicamente. Ainda conforme o estatuto, essa associação tinha número de sócios ilimitado, sem distinção de sexo, cor, credo político e religioso, e tinha como finalidade:

- Pugnar pelo desenvolvimento da classe;
- Assistir os seus associados com auxílios pecuniários em caso de enfermidade temporária ou invalidez;
- Instituir em pecúlio, pagável à família dos associados, quando no falecimento destes;
- Promover festas, passeios e diversões em geral, como meio de favorecer e incentivar a confraternização da classe e suas famílias.

São condições essenciais à admissão:

- Exercer a profissão de alfaiate, empregadores, contra-mestres, oficiais de paletó, calça e colete, e ajudantes, bem como os que trabalham em serviços correlatos a profissão de alfaiate de ambos os sexos;
- ser de comprovada moralidade;
- pagar a jóia de admissão de vinte e cinco cruzeiros (Cr\$25,00) e a mensalidade de dez cruzeiros (Cr\$10,00), respectivamente.

O quadro social dessa Associação divide-se em cinco (05) categorias de sócios:

- iniciadores – os que deram início à formação da Associação;
- fundadores – os que assinaram a ata de fundação da Associação;
- contribuintes – os que pagarem, mensalmente, a sua contribuição;
- remidos – os que pagarem, adiantadamente e de uma só vez as mensalidades referentes a cinco (05) anos;
- inválidos – os que, por motivo de enfermidade, não puderem trabalhar e passarem a receber da Associação uma pensão mensal.

Das penalidades e da admissão dos sócios:

1. Os sócios atrasados no pagamento de três (03) mensalidades serão excluídos da associação.
2. Os sócios atrasados em uma (01) mensalidade não terão direito aos benefícios.
3. Serão excluídos os sócios que alienarem os bens móveis ou imóveis da Associação e os que se afastarem dos princípios da sã moral.
4. A aplicação das penalidades atinentes aos artigos anteriores, serão da competência da diretoria.
5. Os sócios excluídos por falta de pagamento poderão voltar ao quadro da Associação a critério da diretoria.

Dos benefícios e funerais:

- Todo associado que completar um (01) ano na sociedade, e que requerer benefício por motivo de moléstia, terá direito a diárias.
- os que pagarem dez cruzeiros (Cr\$10,00) receberão sete cruzeiros (Cr\$7,00) de diária.
- os que pagarem cinco cruzeiros (Cr\$5,00) receberão três cruzeiros e cinquenta centavos (Cr\$3,50) de diária.
- Todo o associado, após decorrido um (01) ano do recebimento dessa diária não tenha solicitado suspensão da mesma será automaticamente transferido para o quadro dos inválidos.
- Os sócios considerados inválidos receberão: os que pagarem dez cruzeiros (Cr\$10,00) a invalidez mensal de noventa cruzeiros (Cr\$90,00) e os que pagarem cinco (Cr\$5,00) a invalidez mensal de quarenta e cinco cruzeiros (Cr\$45,00).
- Em caso de falecimento do sócio que tenha doze (12) meses consecutivos à Associação, pagará os seus herdeiros legítimos mediante requerimento a quantia de oitocentos cruzeiros (Cr\$800,00) e quatrocentos cruzeiros (Cr\$400,00), subtendendo que o sócio que pagar dez cruzeiros (Cr\$10,00) mensal receberá por falecimento oitocentos cruzeiros (Cr\$800,00) e os que pagarem cinco cruzeiros (Cr\$5,00) perceberão quatrocentos cruzeiros (Cr\$400,00).
- As associadas casadas, quando doentes de partos naturais, receberão da Associação um auxílio de cento e cinquenta cruzeiros (Cr\$150,00), pagável mediante

requerimento e a apresentação da certidão de nascimento, bem como terão direito às diárias.

- Quando a situação econômica da Associação permitir, serão criados um serviço de assistência médica aos sócios e suas famílias.
- Os sócios que deixarem de pagar suas contribuições semanais para os enfermos, perderão o direito ao gozo dessa modalidade de benefício, ficando as contribuições não pagas debitadas na tesouraria.
- Não darão direito aos benefícios, as enfermidades com duração de três (03) ou menos dias.

Disposições gerais:

- Os sócios que se afastarem da Associação perderão os direitos adquiridos e não serão indenizados pelas contribuições efetuadas.
- A Associação deve manter relações amistosas com as organizações operárias, autoridades, etc.
- A Associação não poderá ser dissolvida enquanto existirem dez (10) sócios quites dispostos a garantir sua existência.

Na década de sessenta, segundo consta no livro de atas da Associação, era grande esforço do presidente Waldemar de Melo Dias para manter ativa a Associação, não só pelo fato de realizar as reuniões em sua alfaiataria, mas também pelo seu comprometimento em convocar reuniões, que nem sempre se concretizavam devido a falta de quorum. Após aguardar, por algum tempo para que chegassem, às vezes começava com um número reduzido, outras vezes cancelava a reunião.

Segundo o livro de registro das Atas das reuniões de Diretoria e das Assembléias Gerais, durante o período de 1963 a 1970, os associados se reuniam na sede provisória da Associação, que era a alfaiataria de Waldemar de Melo Dias, à Rua 7 de Setembro número 17 - térreo, sendo que neste período ele era sempre membro na diretoria, na maioria das vezes ocupava o cargo de presidente.

Sempre de acordo com o livro de atas, em Sessão Ordinária realizada dia 4 de março de 1964 às 19:30 horas, sob a presidência de Waldemar de Melo Dias, foi sugerido pelo secretário da Associação Reinaldo Dias de Oliveira, a busca de um pequeno terreno na Cidade ou no Estreito, que pertencesse à Prefeitura Municipal e que a Associação pudesse

obter a licença para construção de uma modesta sede. A sugestão não foi levada adiante, pelo menos segundo o livro de atas que não registra nenhuma outra ocorrência nesse sentido.

A reunião de Diretoria do dia 04 de Junho de 1962, não teve expediente, porque o membro do Conselho Fiscal Pedro Medeiros não compareceu à reunião. O motivo era a análise dos balancetes e toda a documentação fiscal estava em seu poder. Os sócios presentes ficaram irritados e insatisfeitos. Nesse dia o presidente Waldemar de Melo Dias solicitou maior comprometimento de todos os membros diretores quanto ao comparecimento às reuniões. Na verdade o presidente foi duro chegou a acenar para o cumprimento do Estatuto, onde quem tivesse 3 (três) faltas consecutivas seria dispensado da mesa diretora.

O presidente lutava contra a maré e queria manter a harmonia entre os membros da diretoria, que às vezes se exaltavam, como por exemplo na reunião realizada dia 01 de Agosto de 1966, onde o então presidente Sr. Acácio Nicacio Raupp renunciou o seu mandato e a sua permanência na Associação, situação essa que foi contornada pelo Waldemar de Melo Dias, tesoureiro na época.

Em 29 de abril de 1968, conforme registro em ata, o vice-presidente da Associação lamentava a ausência da maioria dos associados, que haviam sido convocados através de rádios locais. O número de sócios nesse momento era reduzidíssimo como podemos ver na tabela 1.

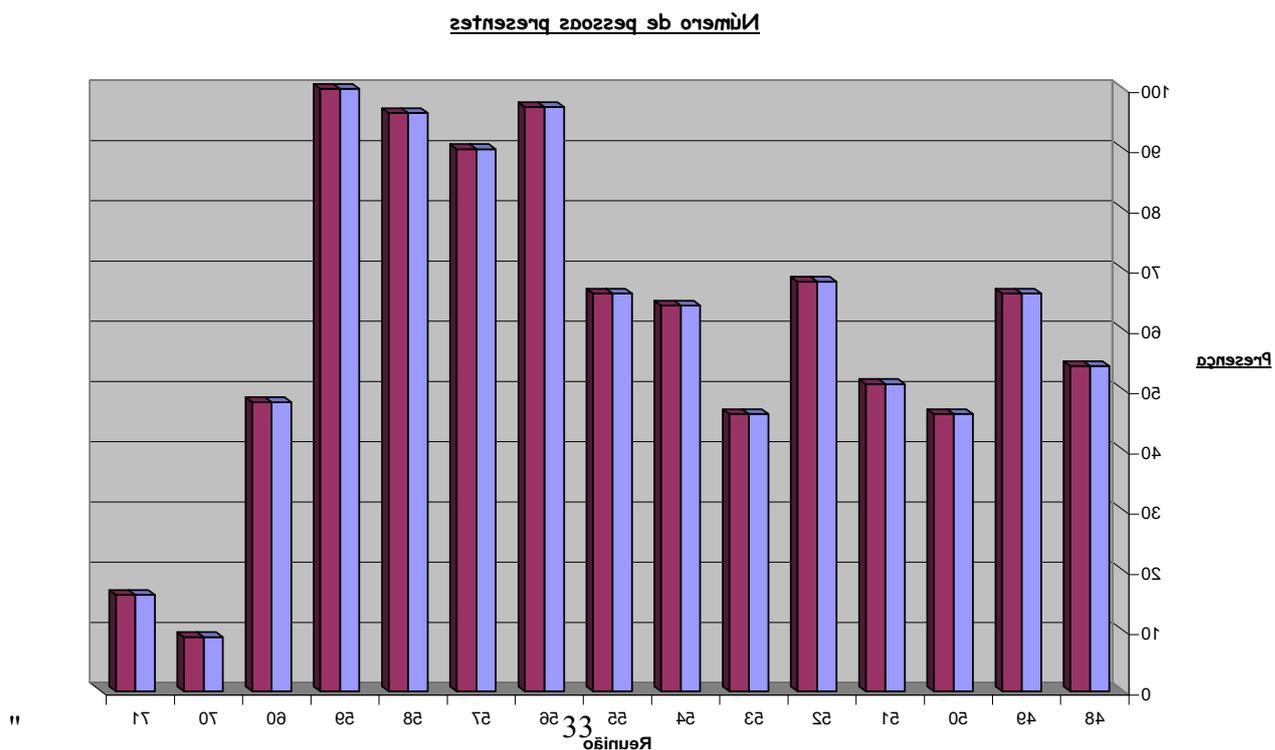


Tabela 1: Quantidade de pessoas presentes às reuniões

Uma das últimas reuniões em que foi dado registro nesse livro e presenças foi em 25 de abril de 1971, quando compareceram somente quatro alfaiates. Desta data em diante não há registro das atividades da Associação, que só voltou a operar em 1986. A última assembléia registrada ocorreu em 01/03/1993.

Conforme depoimento do alfaiate Heitor Mello, o sindicato foi mantido por algum tempo na Liga Operária Beneficente de Florianópolis:

“fui tesoureiro em 49 e presidente da Associação dos Alfaiates de 80 a 85. Eu recordo dos livros, mas não existem mais. Ficaram por algum tempo aqui na Liga, mas extraviaram-se. Os papéis e livros contábeis da alfaiataria também estavam em caixas aqui, mas não sobrou quase nada.”

Hoje, há poucos representantes destes personagens sociais e alguns se encontram exercendo atividade no ramo da alfaiataria, na cidade de Florianópolis. São eles: Ilson Luiz Carlos, João Bonfim Régis, Adebau Rosa, Mário César Fernandes, Carlos Pinto da Luz, José Mello da Silva e Genésio Paes Garcia. São poucos, mas, mesmo assim, Adebau Rosa “sonha” com os novos tempos procurando adaptar-se, quem sabe, com uma alfaiataria no Shopping Beiramar:

“a idéia que sempre trago comigo é a de que podemos usufruir do novo e devemos tentar nos adaptar às exigências que este novo traz. Meu objetivo, depois de quarenta anos no ramo, é seguir em frente, investir em maquinário, ter mais produção e, quem sabe, abrir uma alfaiataria no Shopping Beiramar, por que não? [...] A alfaiataria continua e continuará sempre em voga, e cada vez mais será, para os que forem prudentes e corajosos, uma fonte segura de ganhos. É só saber trabalhar.”

Considerações Finais

Nem tudo é sonho e nem tudo depende do trabalho.

Os alfaiates não fazem a história que querem, mas a que era socialmente necessária. Hoje, reduzidos na importância social e no número, sua dor está espelhada num depoimento de um alfaiate que recusa ver seu nome inscrito nesta história que tem um final muito triste. Quer ser um profissional, mas já não consegue ser, isto é, não consegue

reproduzir-se como ser social. Perguntado por que não que ver seu nome inscrito no depoimento, responde que os alfaiates estão adequando-se à nova realidade social, o que, para ele, é muito difícil. Registrar uma história de um ofício que está se exaurindo, pelo qual se dedicou a vida inteira, deve causar uma dor muito grande. A negação da assinatura é provavelmente o único gesto de rebeldia que lhe resta, é recusa de ser caracterizado como mais um descartável.

A insistente inscrição destes profissionais de Santa Catarina como personagens que também fazem história não é mero saudosismo, muito menos apologia ao trabalho. Através destas histórias de profissões enfatiza-se o “tempo de pensar”, como dizem os profissionais velhos. Delas também saltam aos olhos tanto as adequações ao movimento inovador quanto as suas resistências. A simples recusa à identificação do alfaiate é um gesto radical, no sentido de perceber-se como integrante do exército dos “descartáveis”. Sua radicalidade, guardadas as devidas proporções, contra paralelo com a de outros profissionais, os sapateiros. Aliás os sapateiros militantes, como sugere o historiador Hobsbawm. Os profissionais são, ao mesmo tempo, homens de luta.

Por fim, cumpre ressaltar, que o vigente processo de extinção do alfaiate, aquele profissional artesão de roupas sob medida, com qualidade e exclusividade é evidenciado entre vários fatores, dentre os quais: a evolução industrial, as mudanças na maneira de vestir, as gerações do jeans, as grifes dos estilistas, o crediário, a massificação das grandes confecções e talvez o maior de todos seja o fato de que não exista a formação profissional da categoria alfaiates, isto é, não há sequer aprendizes para o ofício nas raras alfaiatarias e tampouco escolas direcionadas para essa atividade específica. Segundo Lenhart (1997), conforme um levantamento junto ao cadastro de contribuintes de Florianópolis, constatou-se que das 60 alfaiatarias registradas desde 1968, restaram apenas 07 em 1997.

Hoje reduzidos na importância social e no número existente, há algumas pequenas alfaiatarias em Florianópolis, trabalhando para antigos clientes e fazendo reformas nas roupas industrializadas, sendo que em alguns casos os profissionais se associam para dividir as despesas com luz, água e aluguel. Segundo Aued (1999), estes profissionais são cada vez mais raros e não se estabelecem mais nas ruas centrais de Florianópolis, onde não foi encontrada nenhuma alfaiataria, conforme quadro 3.

Quadro 3: Algumas ruas centrais de Florianópolis em 1998,
com discriminação do comércio e serviços:

RUA	Nº	CASA DE COMÉRCIO	RAMO DE NEGÓCIO
João Pinto	44	Massa Viva Pastéis	Lanchonete

EXTENSIO - Revista Eletrônica de Extensão
Número 3, ano 2005

	57	Leão Tecidos	Loja de tecidos para cortinas, cama, mesa
	77	Casa Flamingo	Loja de cama, mesa e banho
	83	Vênus Moda Infanto-Juvenil	Loja de roupa confeccionada
	89	Zaira Moda Adulto-Infantil	Loja de roupa confeccionada
	90	A Barateira	Loja de confecções em geral, casa, mesa
	90	Moda Mina	Loja de roupa direto da fábrica
	91	Marrom Bombom	Loja de roupa infantil
	103	Moda Brasil Confecção	Loja de roupa confeccionada
	111	Padaria e Lanch. São Francisco	Padaria, confeitaria e lanchonete
	112	IBGE	Órgão Público da Adm. Federal
	135	Casa Elias Confecções	Loja de roupa confeccionada
	135	Emily Modas Adulto Infantil	Loja de roupa confeccionada
	138	Secretaria da Educ. e Cultura	Órgão Público da Adm. Estadual
	137	Casa dos Pastéis	Lanchonete
	144	Unibom Supermercados	Supermercado
C. Mafra		Drogaria Catarinense	Farmácia
	22	Sótenis	Loja de artigos desportivos
	32	Feirão Popular 1,99	Produtos diversos
	32	M Silva Calçados	Loja de calçados
	43	Lojão Nacional	Loja de roupa confeccionada
	44	Loja Caçula Calçados	Loja de calçados
	62	Kixuxa – artigo infantil	Loja de roupa e artigos infantis
	65	Formigueiro – Modas	Loja de roupa confeccionada
	65	Casa do Povo	Loja de tecidos
		IPESC	Instituto de Previdência Estadual
	92	Loja Koerich	Loja de móveis
	98	Casa dos tecidos	Loja de tecidos
	107	Busch	Loja de tecidos plastificados
	16	Drogaria Catarinense	Farmácia
		Galeria de Artes	Galeria de Artes
		Kilar	Loja de móveis e eletrodomésticos
	126	Crimalhas	Loja de roupa confeccionada
	126	Restaurante Big lanche	Lanchonete e restaurante
	126	Casa da Alfândega	Loja de artesanato
	148	Casas Coelho	Loja de tecidos, cama, mesa e banho
		Disapel	Loja de móveis e eletrodomésticos
		ARS- Centro Comercial	Shopping- lojas em geral, principalmente de roupas confeccionadas
		Mercado Público	Várias lojas de roupas populares
	210	Kotzias presentes e utilidades	Loja de louças e utensílios em geral
	216	Lojão Nacional	Loja de roupa confeccionada
	226	Casa Boa Vista	Loja de tecidos
	246	Ki Lojão	Loja de tecidos, cama, mesa e banho
	246	Lojas Elias	Loja de roupa confeccionada

RUA	Nº	CASA DE COMÉRCIO	RAMO DE NEGÓCIO
F. Schmidt	14	Livraria Alemã	Livraria
	14	Cia do Homem	Loja de roupa masculina confeccionada
	15	Farmácia Panvel	Farmácia
	15	O Boticário	Perfumaria
	33	Joalheria Sandré	Joalheria
	33	Curso de Informática	Cursinho
	33	Paddock's Jeans	Loja de roupa confeccionada
	48	Hotel	Hotelaria

EXTENSIO - Revista Eletrônica de Extensão
Número 3, ano 2005

	48	Mini Shopping	Lojas com venda de roupa confeccionada
	43	Colorama	Revelação de fotografias
	43	Free Amazon	Loja de eletrodomésticos
	43	Aerolíneas Argentina	Agência de viagens
	40	Drogaria Catarinense	Farmácia
	60	Lojas Arapuá	Loja de eletrodomésticos
	11	Ponto Chic	Café
	11	Salão Azul	Salão de beleza masculino
	78	Livraria Record	Livraria
	81	Padaria e Confeitaria	Padaria e confeitaria
	91	Loja Tudo por 1,99	Produtos diversos
	90	Euforia Makenji	Loja de roupa feminina confeccionada
	96	Moda Mania	Loja de roupa masculina confeccionada
	99	Kotzias Tecidos	Loja de tecidos
	107	Trevere Jóias	Joalheria
	108	Audio Center	Loja de equipamentos de som
	114	Cia do Homem	Loja de roupa masculina confeccionada
	119	Estoril Moda Masculina	Loja de roupa masculina confeccionada
	119	Realcolor Fotografias	Revelação de fotografia
	165	Banco BESC	Financeiro
	140	Kilar	Loja de móveis eletrodomésticos
	186	Franco Giorgi	Loja de roupa masculina confeccionada
	187	Bruneti Discos	Loja de CD e aparelhos de som
	198	Loteria Ametropole	Casa lotérica
	207	Progresso papelaria	Papelaria
	207	Color Clic	Fotografias
	207	A Sedutora Calçados	Loja de calçados
	207	Casa das Meias	Loja de lingerie
	208	Evidência Acessórios	Loja de bolsas, cintos, etc
	208	Ótica Exata	Ótica
Tirandentes	10	Louiz cabeleireiros	Salão de beleza masculino
	10	Confeitaria Dona Rita	Padaria e confeitaria
	10	Banca da Revista	Banca de revista
	10	Restaurante	Restaurante
	49	Casas Coelho	Loja de tecidos em geral
	51	Lojão Vitória	Loja de tecidos e confecções
	61	M Silva Calçados	Loja de calçados
	77	N'Luzzi	Loja de roupa feminina confeccionada
	80	Tay Cosméticos	Loja de produtos de beleza
	81	Casa Santa Apolônia	Instrumentos dentários
	92	Liandra Festas e Decorações	Venda e aluguel de produtos para festas
	103	Carioca calçados	Loja de calçados
	106	Conserto de relógios	Conserto de relógios
	104	Splash A Onda da Moda	Loja de roupa confeccionada
	112	Lanchonete	Lanchonete
	111	Lanchonete	Lanchonete
	136	Pierrri Sport	Loja de roupas esportivas
	137	Casa das Chaves	Chaveiro

Fonte: Cadastro Geral de Contribuintes da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Referências

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

AUED, B. W. (Org.) **Relatório final da pesquisa Profissões Emergentes em Santa Catarina**, dezembro de 1998.

_____. **Histórias de profissões em Santa Catarina.** Florianópolis: Palloti, 1999.

_____. (Org.) **Educação para o desemprego.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, P. L'illusion biographique. In: **Raisons Pratiques.** Paris: Seuil, 1994.

CUNHA, L.A. **O ensino dos ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata.** São Paulo:

DIEESE. **Reestruturação produtiva e emprego na indústria de Santa Catarina.** Estudo Especial Dieese. Florianópolis, dezembro de 1996.

_____. **Reestruturação tecnológica do comércio em Santa Catarina.** Estudo Especial.

HOBBSAWM, E. **Mundos do trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pessoas extraordinárias.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A era dos extremos.** São Paulo: Companhia das letras, 1995.

LENHART, Gina E. **Profissão em Extinção – O Alfaiate.** Graduação em ciências sociais – UFSC, 1998.

LONGONI, G. **L'arte dei cappellai.** San Giovanni, Archivio Del lavoro, 2001.

MARX, K. **O capital.** Rio de Janeiro: Civilização, 1968.

PALOMINO, E. **A moda.** São Paulo: Publifolha, 2002.

MÉSZAROS, I. **Produção Destrutiva e Estado Capitalista.** São Paulo: Ensaio, 2ª ed., 1996

_____. **Além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____ (Org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: USP, 1996.

LAVIER, J. **A roupa e a moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SALAS, R. BAVAREZ, N. e REYNAUD, B. **L'invention du chômage**. Paris, Presses Universitaires, 1999.4ª ed.

SOUZA, G. de M. **O espírito das roupas**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.